


□ procedimientos

Procedimientos pedagógicos





Ao longo do semestre, os professores do Teatro Escola Macunaíma se reúnem semanalmente para juntos pensarem sobre temas relacionados à pedagogia teatral.

Além de debates propostos pela coordenação da Escola sobre a condução dos processos, a avaliação dos alunos, formas de registro,

entre outros, também são realizadas atividades práticas, que provocam a reflexão dos professores e ampliam o repertório das aulas.

Documentamos nesta sessão alguns dos Procedimentos Pedagógicos discutidos nos encontros semanais dos professores.

O que o formador não é - ou o menos possível

POR RENÉ PIAZENTIN

Experiência extremamente interessante a discussão com o grupo de professores sobre o texto de Ryngaert, “O que o formador não é... ou o menos possível”, capítulo de seu livro *Jogar, Representar*. O autor lista alguns “vícios” nos quais um coordenador de trabalhos em Teatro (seja ele professor, diretor ou qualquer outra denominação que possamos dar à pessoa “de fora” que orienta um processo, jogo ou trabalho prático) pode incorrer. Para os que não conhecem o texto, vale lembrá-los aqui: “um observador mudo mas que tem opinião”; “um modelo”; “um gentil animador”; “um aprendiz de feiticeiro”; “um velho sábio”; “um conferencista”; “um terapeuta”; “um catalisador de conflitos”; “um manipulador”; “um guru”; “um encenador”.

A primeira reação, automática, é pensar: Onde eu me encaixo? Será que eu sou muito “isso” ou “aquilo”? E a reflexão que vem a seguir é de que, talvez, não seja possível não incorrer em nenhuma dessas características... Que talvez exista, em cada uma delas, um componente inevitável e às vezes útil para o processo, desde que ele não seja extremado.

Um observador mudo mas que tem opinião... Quantas vezes confundimos nosso papel de educadores – e mesmo de artistas – que desejam um modelo mais construtivista e menos impositivo, com uma certa dose de omissão onde não nos comprometemos diretamente com as escolhas, uma vez que não colocamos nosso ponto de vis-

ta? Prezar pela autonomia do aluno é algo que não entra em discussão, mas muitas vezes nosso papel é sim o de nos colocarmos também dentro do trabalho. Entretanto, o oposto – o tempo todo direcionar o trabalho com as próprias ideias, sem abrir espaço para a colaboração, a descoberta – e sim, a dúvida – é um risco ainda pior.

Um modelo... Sempre seremos, no papel de professor ou diretor, um modelo. Resta saber como este “modelo” irá influenciar na trajetória do aluno, em especial quando este aluno tem poucos modelos, ou quando se é o único. Uma referência pode ser uma referência ou pode tornar-se a única verdade. Em especial quando não cumprimos nosso papel em mostrar que existem outros caminhos além do nosso.

Um gentil animador... O teatro é divertido, é lúdico, é prazeroso... Mas não é só isso. Há esforço e dedicação envolvidos, há responsabilidade, que também geram por vezes atritos, cansaço, exigências, tanto quanto qualquer trabalho, em especial criativo. Cultivar apenas o prazer é esconder um outro lado, importantíssimo quando evocamos a ideia de vocação, fundamental acima de tudo para quem pensa sem seguir uma carreira profissional: eu posso querer fazer teatro, posso gostar do teatro, mas estou disposto a encarar as exigências que ele acarreta?

Um aprendiz de feiticeiro... Ensino aquilo que sei, e por vezes aquilo que não sei, na perspectiva



de aprender junto. Entretanto, em que momentos tomo para mim a postura de autoridade sobre um conhecimento que ainda não se firmou em mim mesmo? O que eu aprendo hoje posso ensinar amanhã? Se sim, como se dá o processo de transmissão? Estou preparado para rever posturas, mudar de ideia, rever paradigmas?

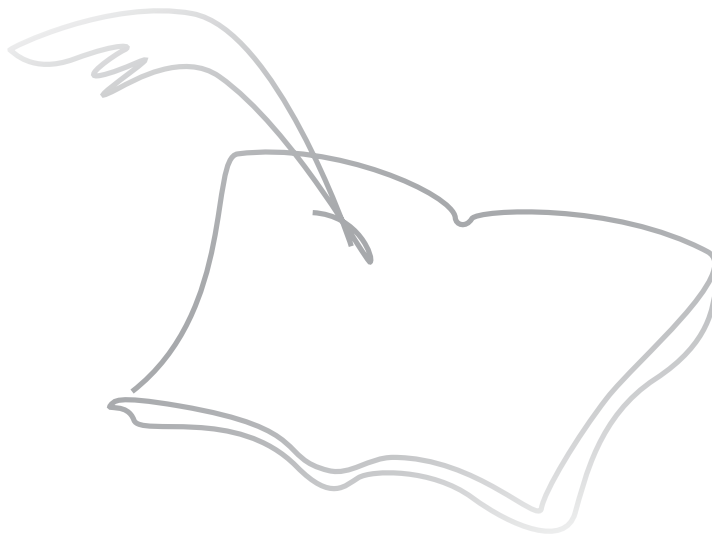
Um velho sábio... Posso estar há mais tempo no mundo e na carreira, mas o mundo é mais velho que eu, assim como a profissão. Sempre há tempo de aprender algo e mesmo um velho sábio pode se surpreender. A postura de estar a qualquer minuto despejando seu currículo sobre os outros só revela uma dimensão cristalizada do pensamento. O que não significa que a dimensão do respeito não deva existir – ela apenas pressupõe, acredito, que as relações podem – e devem – ser mais horizontalizadas.

Um conferencista... Questão que abre uma reflexão profunda. Como professor, em que momentos eu saio de uma sala de aula com a sensação de que, como aluno, eu a teria aproveitado e em que momentos aquela aula apenas serviu para que eu exibisse meus conhecimentos? Qual a diferença entre “provar ao aluno que eu sei algo” e “ensinar” efetivamente alguma coisa? Mais que ser “admirado” pelo meu conhecimento, eu preciso conseguir transmiti-lo. Muitas vezes, no entusiasmo de uma reflexão divagamos, damos exemplos pessoais, citamos autores e fontes que nem sempre auxi-

liam o processo de aprendizagem ou solucionam a questão do momento. Referências são extremamente importantes e necessárias, mas devemos ter o cuidado para não fazer delas instrumento da nossa vaidade.

Um terapeuta... O eterno problema da “roda”: quando ela é benéfica, quando ela apenas transforma o processo em “terapia de grupo”. Quais os problemas que o grupo é capaz de superar na prática, criativamente, sem a necessidade de verbalização, exposição ou de uma reflexão precoce que na melhor das intenções pode gerar problemas maiores que o “pontapé inicial”. Outra questão que se levanta é a tentação de “analisar”, no sentido psicológico do termo – o professor/diretor/coordenador não deve ser “psicólogo” do aluno, em especial quando estas “análises” acontecem publicamente. A escuta deve ser individualizada, aberta e sem a pressa de uma “análise”. Não somos, em primeira instância, “conselheiros”, mas bons ouvintes. Mais do que apontar um caminho de “resolução” para alguns problemas, me parece que o fundamental é mostrar que existe um canal de comunicação franco e aberto.

Um catalisador de conflitos... Conflitos podem – e deverão – acontecer. Mas como lidamos com eles? Nossa função não é apenas propiciar que aconteçam, quase que como uma influência nefasta que queira colocar à prova o próprio processo deflagrando todos os problemas latentes a ele.



Um manipulador... A posição de coordenar os trabalhos é privilegiada, de certa forma, pois permite observar o processo de um ângulo diferente daqueles que estão diretamente envolvidos na ação, além de, em última instância, decidir quando há algum impasse. Assim, em muitos casos, consciente ou inconscientemente, a manipulação acontece, escondendo por detrás de uma pretensa imparcialidade os reais interesses. A definição de um texto para montagem, por exemplo, é um momento onde este risco aparece. Melhor assumir preferências ou inclinações do que forjar neutralidade absoluta.

Um guru... O exemplo do modelo levado às últimas consequências. Não somos responsáveis pela forma como leem nossos atos, até o ponto em que agimos diretamente no sentido de construir uma personagem ou um mito em torno de nós mesmos. No âmbito escolar especialmente, é muito fácil tornar-se um “tubarão dentro de um aquário”. Em especial quando se percebe que o aluno tem pouca referência do teatro que se faz para além da escola.

Um encenador... O cuidado com a encenação é necessário e bem vindo. A questão é até que ponto ele toma a frente em relação ao processo de aprendizagem do aluno. A experiência estética certamente faz parte deste processo, mas mesmo ela deve ser transmitida claramente, não apenas para satisfazer as questões artísticas do professor – que aliás não devem ser resolvidas na escola. Isso até pode acontecer, mas por sorte, não como meta.

É necessário entrar em sala de aula refletindo o tempo todo sobre nosso fazer – na prática. Tomar cuidado com nossos próprios modelos e nossas próprias verdades. Ter a consciência de que o próprio aluno, muitas vezes, deseja ter à sua frente um modelo e um velho sábio. Que mesmo aprendendo pouco com gentil animador, os alunos saem “felizes” e isso soa como positivo. Que o conferencista e o terapeuta muitas vezes fazem sucesso. Que o guru é bem visto por muitos por trazer o que é “teatro de verdade” – ou antes, a própria “verdade” – e que o encenador satisfaz os anseios por um bom espetáculo, mesmo que o processo não tenha ensinado coisa alguma.

Nossa função não é mascarar as dificuldades do fazer artístico, como se ele não contivesse problemas, dificuldades e esforço – para os alunos e para nós mesmos – mas fazer com que estes aspectos sejam respeitados e enfrentados. E que não somos os detentores únicos de uma verdade única. E principalmente estimular a consciência de que o teatro existe antes de nós, para além de nós, e que é uma aventura maravilhosa abrir-se para o desconhecido, para o diverso daquilo que já sei. Para ambos os lados: professores e alunos.

René Piazzentin é diretor teatral, doutorando em artes pelo CAC-ECA-USP, orientador de arte dramática do TUSP – Teatro da USP e professor do Teatro Escola Macunaíma desde 2002. ■

Instrumentos de registro

POR ROBERTA CARBONE

Os professores do Teatro Escola Macunaíma foram “desafiados” a refletir sobre diferentes formas de registro, no sentido de ampliar as ferramentas já comumente utilizadas, como a escrita, e explorar outras possibilidades, como: o vídeo, o áudio, a fotografia e as redes sociais. Nas reuniões pedagógicas ao longo do 2º semestre de 2011, foram discutidos os meios de utilização, bem como as implicações da inserção de linguagens diversas na prática em sala de aula e seu enriquecimento para a formação dos alunos.

Divididos em grupos, os professores apresentaram os projetos elaborados a partir das observações e conclusões geradas. A seguir, uma síntese dos trabalhos apresentados:

GRUPO 1 – ESCRITA

Professores: Adriana, Andréia, Bruna, Cris Maluli, João, Lucas, Márcia, Mônica.

Tópicos de reflexão:

- Organização da aula;
- Participação do aluno no registro;
- Como usar de um outro instrumento para o registro escrito do professor;
 - Planilha de distribuição de personagem e desafios;
 - Avaliação: o olhar do aluno/ o olhar do professor.

Conclusão do grupo:

“A importância do registro escrito possibilita ao professor uma análise mais crítica e pontual do grupo. Principalmente quando há a participação do aluno nesse registro, fortalecendo a transparência e o diálogo entre todos. Assim, as

anotações acumuladas durante o semestre e a contínua reflexão sobre os discentes traz maior clareza ao professor sobre suas constatações, ações e avaliação.”

GRUPO 2 – FOTOGRAFIA

Professores: Paco, Renata Kamla, Renata Mazzei, Rodrigo, Silvia, Tiago, Zé Aires.



FOTO: RENATA MAZZEI



FOTO: SILVIA DE PAULA

Fechamento dos professores:

“A fotografia como registro pode ser uma ferramenta útil e de fácil uso nas práticas pedagógicas. Hoje temos avanços tecnológicos que nos permitem visualização instantânea e até imediata, com a publicação da foto na rede. Podemos organizar, comentar, datar, compartilhar, deletar e assim organizar material para pesquisa e arquivos de referência: um banco de memórias.

A foto traz o instante. Ao revê-la, me remeto à situação ou até mesmo à atmosfera vivida naquele determinado momento. Fatos que passaram despercebidos, agora podem se revelar; mudanças podem ser propostas, posturas podem ser corrigidas. A imagem ativa a memória, estimula o pensamento e constrói novas conexões. Assim, a foto deixa de ser uma mera recordação e passa a agir como um fomento no processo criativo.

Use, experimente. Você vai gostar!”



FOTO: RODRIGO POLLÁ

GRUPO 3 – REDES SOCIAIS

Professores: Eduardo, Shuba, Carlos, Reginaldo, Priscila.

Apresentação do grupo:

“A internet nos oferece inúmeras possibilidades de registro e compartilhamento como: Youtube, blogs, Facebook, Google Docs, etc. Optamos por usar o Google Docs como forma de compartilhamento entre o grupo; e o blog como forma de compartilhamento com o público.

As vantagens do Google Docs:

-Esta ferramenta torna possível a todos o acesso simultâneo e a edição do material compartilhado.

-Para compartilhar informações, registros, debates, textos, vídeos, fotos e qualquer outro tipo de arquivo suportado pela internet.”

O grupo criou um blog, onde há tópicos, como: Tutoriais – ou seja: ‘como fazer?!’, com dicas e explicações sobre como funcionam ou podem ser utilizados blogs, Google Docs e Facebook. Ainda, nesse espaço encontram-se disponíveis também para acesso alguns exemplos de tais ferramentas já utilizadas pelos professores.

GRUPO 4 – ÁUDIO

Professores: Alex, Glaucia, Marcela, Renata Hallada, Vanderlei.

Segue abaixo um texto da professora Marcela sobre sua experiência com a utilização do recurso do áudio dentro e fora de sala de aula.

OS BENEFÍCIOS DA GRAVAÇÃO DE ÁUDIO COMO INSTRUMENTO DE REGISTRO

“Nós todos sabemos que quando estamos atuando, é quase impossível ouvir com perspectiva, pois estamos ocupados demais com o processo do “fazer”. Para os nossos alunos, é ainda mais difícil de ouvir de forma construtiva, já que eles estão se concentrando no que está escrito no texto, nas ações a serem realizadas, e a coordenação necessária para executar sua parte com sucesso. Eles estão até mesmo pensando em coisas como “alguém está me ouvindo e me vendo... o que eles estão pensando?” Tudo isso interfere na sua capacidade auditiva.

Como professores, nós deixamos os alunos saberem o que ouvimos, e indicamos como tornar sua voz e interpretação mais expressiva ou “musical”, como trazer a melodia, eliminando pausas, fixando ritmos etc, mas mais uma vez, quando eles brincam com essas coisas em mente, não significa necessariamente que eles têm consciência suficiente para ouvir as diferenças.

Uma vez que um aluno está se tornando familiar com um pedaço de texto, eu gravo ele falando (às vezes sem o seu conhecimento, para não co-

locá-lo fora do jogo) e depois mostro a gravação. Eu, então, peço para criticar o que ouve - observando o que precisa ser melhorado, mas também dizendo coisas que gosta, ou momentos em que julga estar bem feito. Desta forma, o instrumento não está servindo para derrubar a sua confiança, mas ajuda a torná-lo mais consciente das coisas que precisam de atenção, e também do que é que faz o texto ganhar vida. O processo também aumenta a sua capacidade de se ouvir enquanto fala - ele tem algo a comparar. O processo de "ensino" torna-se então uma responsabilidade partilhada entre eu e o aluno, e é a base da discussão, ao invés de apenas dizer-lhe o que fazer.

Eu sempre estimulo meus alunos a gravarem suas vozes enquanto ensaiam o texto em casa. Desta forma, eles estão recebendo um feedback construtivo de e se durante a semana, quando estou ausente. Eu acredito que isso acelera sua capacidade de interpretação, entonação e musicalidade.

Muitas vezes, os alunos sentem que não estão fazendo nenhum progresso, e nada está funcionando. Por ter as gravações, eles tem uma evidência palpável de quão longe chegaram. Não é necessário manter todas as gravações de cada aluno, mas não faz mal ter um arquivo para cada aluno com um pouco delas para usar quando necessário.

Todos os cantores e atores que preparei em Londres eram gravados falando ou cantando no começo e no fim da aula. Nas primeiras aulas, muitos não ouviam a diferença na voz entre as gravações. Conforme a escuta ia ampliando, depois de algumas aulas, retomava as gravações dos primeiros dias, e eles conseguiam apontar diferenças bem específicas. Além disso, tomavam maior consciência dos benefícios do treinamento que estava sendo realizado."

GRUPO 4 – VÍDEO

Professores: Adriano, Angélica, Ariane, Carol, Felipe, Lúcia, Roberta.

O grupo teve por objetivo refletir sobre o uso do vídeo por meio da experiência do professor Adria-

no em sala de aula no processo de montagem do espetáculo A vida é sonho. A seguir, algumas questões colocadas na reunião sintetizam o debate dos professores:

ZÉ AIRES – A presença da câmera alterou algo no processo?

ADRIANO – Sim, existe uma mudança. A diferenciação de uma postura ordinária de ser. Mas há a possibilidade de aprendizado, já que exige uma prontidão maior dos alunos.

ZÉ AIRES – Pela presença de um observador digital.

DÉBORA – De um avaliador.

DÉBORA – O que foi feito com o material postado?

ADRIANO – As cenas não se perdem. E podemos voltar a elas sempre que necessário para o processo.

OBSERVAÇÕES FINAIS

Como conclusão, Débora, coordenadora pedagógica do Teatro Escola Macunaíma, observou que todos os instrumentos geram as mesmas possibilidades: memória, pesquisa e avaliação (reflexão). E que cada qual pode e deve ser usado segundo as possibilidades e ganhos concluídos em nosso processo de pesquisa, de acordo com as diferentes circunstâncias a nós e por nós propostas.

Também foram comentados os desafios em termos práticos, ou os problemas tecnológicos enfrentados, com o Adriano sinalizando sobre o entendimento das contribuições e dos limites de cada ferramenta.

O Edu ressaltou também a necessidade de síntese: "uma questão de recorte e tempo."

Ainda, pensando numa possível burocratização do registro, o Paco finalizou as apresentações falando sobre as possibilidades de "conectarmos a pesquisa artística com os procedimentos pedagógicos de registro."

Roberta Carbone é mestrando em História do Teatro pela ECA/USP e professora do Teatro Escola Macunaíma. ■